

## O ENSINO DA GEOGRAFIA NUMA PERSPECTIVA CONSTRUTIVISTA TEACHING GEOGRAPHY FROM A CONSTRUCTIVIST PERSPECTIVE

ISSN: 2595-8704. DOI: 10.29327/2323543.23.1-14

Rosa Maria Dias Vale <sup>1</sup>

### RESUMO

Quando a geografia passou a fazer parte das disciplinas curriculares nas escolas de educação básica (ensino fundamental e médio) foi denominada de "Geografia Tradicional", a didática aplicada era marcada por valorizar a descrição e a memorização, onde as relações entre a sociedade ficava sempre de lado. Dessa forma a Geografia Tradicional passou a sofrer críticas, advindo com estas novas propostas que deram base ao surgimento da Geografia Crítica, que procura avaliar a essência e explicar o aparente dando dessa forma condição para melhor entendimento das modificações produzidas pela sociedade e compreender o mundo. Na perspectiva construtivista o aluno não recebe o conhecimento pronto, ele é construído e reconstruído numa ação interativa que envolve o educando consigo e com todos aqueles que estejam direta ou indiretamente ligados ao mesmo. Pode-se dizer que, no ensino de geografia várias ações ajudam a completar as atividades dos educandos. Dentre elas podem ser citados os jogos, peças teatrais, observações, o próprio dia-a-dia que configura o mundo vivido pelo indivíduo, o espaço em que o aluno faz parte, a paisagem, tudo pode ser objeto de estudo no ensino de geografia numa abordagem construtivista. A compreensão de como a realidade local relaciona-se com o contexto global, entre outros elementos podem favorecer ao educando construir compreensão e explicação entre o que acontece no dia-a-dia no lugar onde está inserido e os outros lugares em que possa ter conhecimentos.

**PALAVRAS-CHAVES:** Geografia, Construtivismo, Conhecimento, Aprendizagem.

### ABSTRACT

When geography became part of the curriculum subjects in basic education schools (elementary and middle school) was called "Traditional Geography", the teaching applied was marked by valuing the description and memorization, where relations between society were always aside. This way Traditional Geography came under criticism, arising with these new proposals that based the emergence of Critical Geography, which seeks to assess the essence and explain the apparent condition giving this way for a better understanding of the changes produced by society and understand the world. In constructivist perspective the student does not receive the ready knowledge, he is built and rebuilt in an interactive action involving the student with you and all those who are directly or indirectly connected to him. It can be said that in teaching geography various actions help to complete the activities of the students. Among them may be mentioned the games, plays, comments, the same day-to-day that shapes the world lived by the individual, the space in which the student belongs, the scenery, everything can be studied in geography in a constructivist approach. Understanding how the local reality is related to the global context, among other elements can favor the learner build understanding and explanation of what happens on a day-to-day in the place where it operates and in other places that may have knowledge.

**KEYWORDS:** Geography. Constructivism. Knowledge. Learning.

<sup>1</sup> Mestranda em Ciências da Educação pela ACU – Absolute Christian University. Professora de Geografia, Especialista em Psicopedagogia, atuante na educação pública como professora de ensino fundamental e médio (Educação de Jovens e Adultos), no CEJA Profª Eudes Veras, em Fortaleza-CE. E-MAIL: rosadiasvale@yahoo.com.br. CURRÍCULO LATTES: lattes.cnpq.br/2122012034116133

## INTRODUÇÃO

A geografia tida como ciência que estuda a descrição da Terra e desinteressada pelos problemas sociais, se caracterizava em tempos tradicionais como uma disciplina essencialmente descritiva e voltada principalmente para a memorização, onde o professor detém o saber e é um simples repassador de informação e o aluno escuta, se caracterizando como um mero ouvinte, um espectador. Dessa forma, a geografia era vista como algo ruim, sem utilidade, mas que se tinha que aceitar. A única utilidade era a de decorar questionários preenchidos para fazer provas. Era como se estudasse um mundo que parecia não existir, pois quando a aula acabava tudo poderia ser esquecido sem qualquer problema.

Com o passar dos tempos, a partir das reformas educacionais, destacando neste contexto a Lei de Diretrizes e Bases (LDB nº 9394/96), assim como os Parâmetros Curriculares Nacionais, que marcam a década de 90, do século XX, a geografia toma novos rumos, passa a avaliar a essência e explicar o aparente, é através dela que há a possibilidade de compreender melhor o mundo em constante processo evolutivo, as modificações produzidas pela sociedade.

Compreende-se que, a geografia constitui um instrumento importante para lapidar capacidade de crítica do homem como sujeito do processo histórico, social e político em que faz parte. Neste contexto memorização já não interessa, o que entra em pauta é a compreensão das transformações do mundo, as relações que ocorrem entre os lugares, à mobilização de objetos, pessoas, o contexto político, que leva o educando ao entendimento da sociedade a qual pertence, sendo capaz de buscar respostas para seus questionamentos.

Portanto, as considerações até o momento evidenciadas expressam a importância que o ensino de Geografia aponta na atualidade e, em sentido geral salienta a significação da citada disciplina no mapa curricular da educação básica (ensino fundamental e

médio). Tomando como campo de referência o grau de significação e importância dada à referida disciplina justifica-se o interesse pelo seu estudo, delimitando como área de investigação a contribuição que o construtivismo pode oferecer a prática docente, numa perspectiva de que os objetivos dos educadores nesta área de ensino possam ser alcançados com maior ênfase. Em síntese propõe-se como objetivo geral do presente artigo fazer uma abordagem acerca do construtivismo como elemento básico na construção de uma proposta de ensino de geografia crítica e funcional, ou seja, que atenda os interesses de todos aqueles que estão envolvidos a mesma no caso de professores e alunos entre mais.

Tomando como ponto de investigação a temático já salientado e o objetivo proposto se lança os objetivos específicos quais são: destacar a importância da prática docente no ensino de geografia, ressaltar o caráter histórico do desenvolvimento do ensino da salientada disciplina no contexto da educação brasileira, acentuar a proposta construtivista e relacioná-la no âmbito do ensino da geografia crítica.

Os objetivos traçados são articulados nesse artigo a partir de uma pesquisa bibliográfica, com abordagem qualitativa, considerando-se que se faz a apreciação de conceitos e os vinculam no âmbito de uma realidade a que se pretende chegar a um nível de compreensão significativo, no caso da presente pesquisa o caráter construtivo que o ensino da geografia pode oferecer ao educando da educação básica (fundamental e médio). Para tanto se tem em exposição às seções que perfazem o artigo posto em apreciação.

### A PRÁTICA DOCENTE NO ENSINO DE GEOGRAFIA

Conforme Vesentini (1995), só a prática docente nas salas de aula- e também fora dela, com estudos do meio participativo, por exemplo – é que irá engendrar uma geografia escolar crítica voltada para contribuir na formação de cidadãos plenos. E tal tarefa é ininterrupta,

o que vale dizer que não se deve encontrar uma receita, um modelo acabado para ser constantemente reproduzido, mas sim que o buscar deve ser uma meta sem fim, que o renovar e sempre experimentar novas atividades e conteúdo é condição *sinequa non* para o ensino que não sirva às relações de dominação.

Para a vida em sociedade, é algo bastante importante adquirir conhecimentos básicos em geografia, principalmente, para desempenhar as funções de cidadania. Quando o cidadão conhece as características sociais, culturais e naturais do lugar onde vive como também de outros lugares, para poder explicar, comparar etc., ele adquire uma maior consciência dos limites e responsabilidades da ação individual e coletiva relacionada ao seu lugar, como também a contextos mais amplos de escala nacional e mundial.

Através do estudo de geografia, os alunos terão condição de desenvolver hábitos e construir valores que serão importantes para sua vida, e que permitam uma maior integração do educando aos mais distintos campos da sociedade ajudando a minimizar a exclusão social.

Numa perspectiva construtivista os conteúdos desenvolvidos, o professor tem papel importante que é considerar o conhecimento prévio do aluno e a partir de então planejar situações de ensino e aprendizagem significativas. Assim faz-se necessário o conhecimento dos avanços e problemas para adequação construtiva. Devem também dar condição a um pleno desenvolvimento do papel de cada um mediante a construção de uma identidade com o lugar onde vive num sentido mais abrangente.

Fazendo uma apreciação acerca das transformações que passaram ao longo dos tempos o ensino de geografia é pertinente se traçar neste sentido uma trajetória histórica o que permitirá compreender que, a geografia como disciplina passou a ser ensinada nas escolas desde a década de 40. Era marcada por explicações objetivas e sua meta era abordar as relações do homem com a natureza. A didática usada valorizava

principalmente a descrição e a memorização, deixando de lado as relações entre sociedade, assim, foi chamada de Geografia Tradicional.

Apesar de valorizar o papel do homem como sujeito histórico, a disciplina ora salientada, conforme comentários de Penteado (1994) se restringiam à análise da produção do espaço geográfico, a estudar a relação homem-natureza sem priorizar as relações sociais. Por exemplo, estudava-se a população, mas não a sociedade; os estabelecimentos humanos, mas não as relações sociais; as técnicas e os instrumentos de trabalho, mas não o processo de produção. Ou seja, não se discutiam as relações intrínsecas à sociedade, abstraindo o homem do seu caráter social.

A chamada Geografia Tradicional passa a receber críticas, uma vez que seus métodos e teorias não são suficientes a atender as expectativas político, sociais e culturais dos indivíduos. A sociedade passa a ser estudada através das relações de trabalho e da transformação da natureza feita pelo homem. A referida disciplina figurava como propriedade do Estado e das classes dominantes, sendo, portanto, criticada, surgindo à proposta de uma geografia das lutas sociais, preocupada com a disposição e disparidade das classes sociais. Nessa perspectiva, a geografia adquire novos conteúdos que são significativos na formação do cidadão, como os conteúdos políticos.

É pertinente salientar que, o ensino ganha nova maneira de se interpretar questões como território, espaço geográfico e paisagem, como também influenciam novas propostas curriculares baseadas em explicações econômicas e a relação de trabalho. E é a partir das críticas que novas propostas de introduzir reflexões da concepção dialética no ensino que possibilita a urgência de uma geografia crítica.

Cavalcanti (1998) acentua que as propostas convergem para a crítica sistemática ao ensino de conteúdos estruturados conforme uma corrente da Geografia Tradicional. Essa geografia caracteriza-se pela estruturação mecânica dos fatos, fenômenos e

acontecimentos divididos em aspectos físicos, humanos e econômicos, de modo a fornecer aos alunos uma descrição das áreas estudadas, seja de um país, região ou um continente.

Ainda conforme autor supracitado, as propostas de reformulação do ensino da disciplina ora comentada também têm em comum o fato de explicitarem as possibilidades da prática de ensino de cumprirem papéis politicamente voltados aos interesses das classes populares. Nessa perspectiva, os estudiosos alertam para a necessidade de se considerar o saber e a realidade do aluno como referência para o estudo do espaço geográfico.

O ensino da geografia, assim não se deve pautar pela descrição e enumeração de dados, priorizando apenas aqueles visíveis e observáveis na sua aparência (na maioria das vezes, impostos à “memória” dos alunos, sem real interesse por parte destes). Ao contrário, o ensino deve propiciar ao aluno a compreensão do espaço geográfico na sua concretude, nas suas contradições.

Desde que a geografia passou a fazer parte do currículo escolar foi com o objetivo de ajudar na formação dos cidadãos, essa disciplina contribui para que o educando adquira uma compreensão maior, mais ampla e consciente da realidade. O ensino da geografia também pode e deve mostrar que ser cidadão é também ter o sentimento de estar inserido numa realidade onde a sociedade e a natureza são integradas, formando, assim, um só todo. Mas para que essa compreensão seja entendida, ele precisa conseguir conhecimentos, ter domínio dos conceitos e princípios básicos trabalhados por este campo. Será também necessária a compreensão não só das relações socioculturais e de como a natureza funciona, mas ter em mente como utilizar de maneira simples de pensar a respeito da realidade, ou seja, ter conhecimentos geográficos.

Neste aspecto se aponta a importância e significação que a proposta construtivismo pode favorecer a projeção de um ensino de geografia crítico que favorece a formação do educando no sentido geral,

sendo participativo e assim constituidor do processo histórico, um cidadão no sentido amplo que o termo reporta.

Vesentini (2008) acentua a perspectiva crítica para o ensino de geografia como a projeção por uma educação escolar que possa subsidiar o educando de condições favoráveis para que o mesmo chegue à posição de cidadão, sujeito do processo histórico, político e social do qual é parte constituidora, coautor do saber. Considerando, portanto, que:

Não há uma ciência humana, ou mesmo uma noção de cidadania, sem que esteja colocada, implícita ou explicitamente, a questão do que é o homem ou o ser humano. Importantes e paradigmáticos projetos de reordenação societária sempre implicaram uma redefinição do estatuto do homem. (VESENTINI, 2008, p.102).

Percebem-se na concepção do autor supracitado elementos do pensamento de Karl Marx ao ressaltar o homem como “[...] de acordo com as determinações históricas, são o escravo, o burguês, o proletário, etc, que não são homens plenos -, mas ao mesmo tempo ele é um *devoir* na medida em que existirá na sociedade futura.” (Id.ibid.p.102).A perspectiva que se tem com o ensino crítico da geografia culmina justamente com esse pensamento, ou seja, a de promover o homem à condição de sujeito do seu contexto político, social, econômico e cultural entre outros contextos que engloba a sociedade.

A construção do ser cidadão, objetivo que norteia as propostas educacionais na atualidade se firma no pensamento de elevar o homem a um ser capaz de construir seus direitos e, sempre que possível, aperfeiçoa-los, evidenciando os conceitos como dialéticos, e o homem como construtor de um processo social e político em constantes transformações.

Para Vesentini (2008) o ensino crítico da geografia se efetiva a partir do momento em que a prática docente permite que “[...] o educando se liberte das amarras da dependência intelectual e de

pensamento, encontrar a sua criatividade e imaginação, aprender a pensar a partir do diálogo com o real e com as obras culturais, se descobrir como cidadão e, conseqüentemente, agente de mudanças.” (op.cit.p.104,105). Para que tal projeção possa ocorrer é preciso diante de tudo que haja o respeito aos conhecimentos dos diferentes indivíduos que estão envolvidos no processo de ensino-aprendizagem.

Após elencar um conjunto de elementos que tão bem caracterizam o ensino moderno o Vesentini (2008) ressalta que: “[...] Desenvolver a criticidade no ensino da geografia, enfim, consiste em deixar de lado os modelos, os sistemas teóricos prontos e acabados, os conceitos que não aceitam o novo, o inesperado, a contingência.” (op.cit.p.105). O professor, juntamente com o aluno, no desenvolver de uma aula de geografia é envolvido num processo de construção de novos saberes, tomando como referências conhecimentos que são adquiridos ao longo dos tempos em suas reflexões.

As considerações até o momento enfatizadas apontam para uma busca pela compreensão de como se efetiva esse novo saber que é trabalhado no âmbito das aulas críticas que envolvem professores e alunos o que pode ser denominado de construtivismo. Neste sentido é pertinente fazer uma apreciação ao que se denomina de proposta construtivista de ensino.

## CONSTRUTIVISMO

Os processos de conhecimentos, construídos pela humanidade, são reconstruídos no desenvolvimento individual de cada um. Isto se dá através da experimentação no meio onde o indivíduo se reestrutura para ler o meio e este para receber. Para ele, a função de aprender é constante ao longo do desenvolvimento e da transformação evolutiva, mudando somente as estruturas.

Conforme Piaget *apud* Alenoão (2001), o conhecimento se constrói pelo indivíduo a partir da interação deste com o meio, considerando que nesta

interação o mesmo procura compreender o espaço em que se encontra, promovendo assim o que se denomina de conhecimento. Vale ressaltar que:

O construtivismo, na perspectiva radical, sustenta que sendo o conhecimento um método de adaptação dinâmica segundo interpretações exequíveis da experiência, o indivíduo não edifica forçosamente um mundo real. Por sua vez, Vygotsky, que se inclui no construtivismo social, refere uma abordagem intrapsíquica, defendendo que o indivíduo progride pela pesquisa de informação no seu ambiente social, edificando mecanismos de pensamento através da mediação de terceiros, que se interpõem na conexão entre o sujeito, a interiorização e a assimilação do saber. (MACHADO, 2010, p.12).

Ribeiro (1994), por sua vez salienta que o construtivismo não é um método, é uma teoria que embasa o professor para uma prática pedagógica inovadora, criativa, que leva o aluno a construir o conhecimento, a sua autonomia moral e intelectual. É aplicado em todos os níveis de ensino, do maternal ao terceiro grau e presta-se a todos os tipos de alunos. Assim, a proposta não pode ser julgada como método ou como receita do ser humano, mesmo sendo criança, adolescente ou adulto, onde a novidade é a de revelar o modo como o ser humano pensa em cada etapa da vida. Desse modo, o entendimento de como cada noção que é ensinada na escola e pensada pela criança, pode contribuir muito para um bom desempenho durante o processo educacional.

A criança, na teoria construtivista, é a personagem principal na construção do seu conhecimento, onde o professor, ao invés de ser um repassador de informação, passa a assumir o papel mediatório, um problematizador onde ele provoca os conflitos cognitivos, como também as situações de aprendizagem. O que vai contribuir para as crianças construírem sua capacidade de ler e escrever para, assim, compreenderem suas ideias por meio da aprendizagem da linguagem escrita. Dessa forma, os

conteúdos da escola não poderão se classificar entre os mais fáceis ou os mais difíceis, mas representam-se como próximos aos seus esquemas de “assimilação”, quer dizer, aos conhecimentos que a criança já tem para poder compreender e apresentar, ao mesmo tempo, um “obstáculo para assimilação”, ou seja, alguma novidade que possa ajudar para uma aprendizagem nova.

Como diz Grossi (1993), a concepção defendida por Piaget e pelos pós-piagetianos é de que estruturas do pensamento, do julgamento e da argumentação são resultados de uma construção realizada por parte da criança em longas etapas de reflexão, de remanejamento. O construtivismo defende a ideia básica de que estruturas de pensar, julgar e argumentar resulta, em verdade, usando as palavras de Sara Pain (1993), de um trabalho permanente de reflexão e de remontagem das percepções que a criança teve, agindo sobre o mundo físico e interagindo com outras pessoas no mundo social.

Nos estudos de Grossi (1993), observa-se que o construtivismo é o melhor do conhecimento produzido para trabalhar aprendizagem. Evidentemente, a ele já se acrescenta (esse é o caráter aberto do construtivismo) uma série de elementos novos que, necessariamente, se leva a um construtivismo pós-piagetiano. Mas não se faz necessariamente falar em pós-piagetino.

Pode-se falar apenas em processo progressivo de reflexão sobre si mesmo, de corrente constante. Este é o grande desafio que o construtivismo apresenta. A simpatia e o seu fascínio, devem-se ao fato dele ter, em si mesmo, a capacidade plástica de auto renovação. Ele não é uma bandeira, não é uma arena, que se tem pronta, não é um instrumento que se dispõe acabado, liga-se ao próprio processo que ele pretende desenvolver que é o processo de aprendizagem.

Conforme Piaget *apud* Franco (1997), o conhecimento não está no sujeito nem no objeto, mas ele se constrói na interação do sujeito com o objeto. É na medida em que o sujeito interage (e, portanto, age sobre e sofre ação do objeto) que ele vai produzindo sua

capacidade de conhecer e vai produzindo também o próprio conhecimento. Esta é a razão da teoria piagetiana ser chamada de “Construtivismo”.

Ainda no pensamento de Franco (1997), para o construtivismo fazer parte da gente, de modo que a prática psicológica ou pedagógica esteja realmente em consonância com a realidade interna e externa do sujeito com que se lida, não é coisa simples. É uma guinada muito grande e que exige muito estudo e aprofundamento. É uma tarefa que precisa ser assumida até as últimas consequências para que se possa construir uma educação que possa desfazer a aliança histórica da escola como uma classe dominante. Uma educação que não parta de uma concepção ideal de criança real, e, por isso, maciçamente da criança pobre.

Piaget (1971), analisando durante mais de 50 anos o psiquismo infantil, concluiu que cada criança constrói, ao longo do processo de desenvolvimento, o seu próprio modelo de mundo.

O construtivismo explica os processos de desenvolvimento e aprendizagem como resultados da atividade do homem na interação com o ambiente. Piaget explica esta interação valendo-se dos conceitos de assimilação, acomodação e adaptação, termos tomados da Biologia. A assimilação é a incorporação de um novo objeto ideias ao que já é conhecido, ou seja, ao esquema que a criança já possui (GOULART, 1993).

Ainda conforme Goulart (1993) para que a criança aprenda é necessário que ela compreenda. Isto é válido não só para a aprendizagem de ciências e de matemática, mas de outras áreas. Um professor que está procurando desenvolver crianças inteligentes não pode se contentar com o simples automatismo, respostas emitidas que não têm nenhum sentido para o adulto. Uma aprendizagem compreensiva requer que o professor conheça o processo de pensamento do aprendiz, apresente problemas que lhe pareçam interessantes e para os quais ele possa oferecer respostas.

Assim, pode-se concluir que o professor necessita conhecer o desenvolvimento da criança, qual o nível deste desenvolvimento e a partir do momento que já tenha este conhecimento da criança pode então planejar o ensino. Em sentido geral, a perspectiva construtivista no campo educacional segundo Valadares (1998) constitui:

[...] muito mais do que uma filosofia da ciência. Os seus princípios fundamentais são os seguintes: o ser humano não nasce com condições transcendentais à priori nem com ideias inatas acerca do mundo (princípio da negação do apriorismo e do inatismo; o ser humano constrói ele próprio, lenta e dificilmente, as suas ideias acerca do mundo que o cerca, as quais constituem apenas uma representação, um cenário, uma imagem possível desse mundo (princípio fundamental desse mundo) (op.cit.p.15).

A ideia do homem como construtor do seu conhecimento o promove a condição de sujeito do processo histórico, político e social do qual é elemento essenciais. Nesta condição o homem promove a sua história no contexto de um dado espaço de maneira consciente da sua potencialidade como membro integrante do meio em que atua.

### **ESCOLAS CONSTRUTIVISTAS**

Caracterizam-se pelo trabalho de grupo, pela descoberta, pelo conhecimento do aluno, pelo contato direto com o objeto do conhecimento e pela interação com o outro (colega, professor, outros). Esse tipo de escola preocupa-se em garantir aos seus alunos as possibilidades de um completo desenvolvimento intelectual e socioemocional. Considera-se como primeira tarefa da educação, formar o raciocínio.

Para esse tipo de escola, o professor tem o papel de intervir, desafiar, instigar, assumir a autoridade se necessário, coordenar. Estimular a criança a duvidar, propor, criticar, sugerir, questionar. Como brincar de fazer-de-conta, criar, descobrir, resolver situações

conflitantes, e levar a criança a justificar, comprovar situação encontrada por ela. Em sentido geral a escola construtivista estimula no aluno o espírito da criatividade, permitindo que a cada momento possa vir a colaborar no processo de aprendizagem.

Quanto às características principais, podem ser lembradas algumas como, a interação social, que acontece a nível intersíquico (dentro do próprio sujeito) e a nível interideal (as várias ideias das coletas). O conhecimento é construído coletivamente (em grupos), o sujeito (aluno) experimenta, cria hipóteses, reformula-as, o acrescenta (troca entre pares). Quanto mais diversificado o grupo, melhor o sujeito pensa, compara, estabelece relações. A aprendizagem é uma função dentro do sujeito e os estímulos são feitos em termos de desafios, em situações de conflitos, que exigem do educando constante assimilação, acomodação e adaptação.

### **A GEOGRAFIA NUMA PERSPECTIVA CONSTRUTIVISTA**

O processo de conhecimento mediado pelo professor para o aluno, onde a atividade principal é a aprendizagem. Numa perspectiva construtivista, o aluno não recebe este conhecimento pronto, ele é construído e reconstruído por ele, onde, brincando e divertindo-se, a aprendizagem é adquirida. No caso da geografia, podem-se destacar certas ações que ajudam a completar as atividades dos alunos. Os jogos, dramatizações e vários tipos de simulações, como também a observação, são ações importantes na realização do ensino, onde a partir daí pode-se criar elementos importantes e adequados para a construção de conhecimentos geográficos.

Outro fator importante, também, diz respeito à vivência dos alunos, levar em conta o seu mundo vivido, o que seria a geografia vivenciada cotidianamente na prática interativa entre os envolvidos no processo de ensino-aprendizagem. Na interatividade entre alunos entre si e mediados pelo professor o processo de

conhecimento vai se firmando e se concretizando na sua infinidade.

Cavalcanti (1999) acentua que seria necessário que o professor exigisse bastante dos alunos, quais os significados que eles dão para os conceitos científicos trabalhados no ensino, o que significa afirmação e negação dos dois níveis de conhecimento, o cotidiano e o científico, tendo como referencial o saber do dia a dia do educando, já que o ensino de geografia especificamente trabalha com conhecimentos muito ligados ao mundo vivido pelos sujeitos do processo de ensino-aprendizagem.

Mas, usar como parâmetro de ensino a vivência e construir conhecimentos faz-se necessário que se tenha alguns cuidados, como alerta Peninapud Cavalcante (1999) ao considerar que o acesso ao saber elaborado na vivência de uma prática promove a produção do conhecimento de maneira coordenada e dialética, tendo o caráter crítico e reflexivo como marco essencial neste processo.

O trabalho do professor de intervir no ensino escolar consiste na orientação, no planejamento, como também na direção de aulas e atividades extraescolares e na avaliação do processo de conhecimento do educando, baseado em certos propósitos e modos adequados para definir conteúdos específicos. Não pode ser simplesmente o professor passar o conhecimento em sala de aula, é preciso que o professor e os alunos atuem em conjunto diante dos objetos de conhecimento.

A paisagem, o espaço vivido pelos alunos, pode ser o objeto de estudo no ensino de geografia numa abordagem construtivista. A compreensão de como a realidade local relaciona-se com o contexto global, pois a partir daí os alunos já podem construir compreensões e explicações mais complexas existentes entre o que acontece no dia a dia no lugar onde estão inseridos e em outros lugares. Como também, aprender geografia através da literatura, onde as obras de alguns autores retratam paisagens diferentes tanto nos aspectos sociais como naturais. Outra fonte importante são as

fotografias, músicas, vídeos, que podem ser utilizados pelo professor e aluno, para obtenção de informações e inspirações na interpretação de paisagens e construção de conhecimentos geográficos.

Quanto às perspectivas metodológicas, as práticas construtivistas caracterizam-se por fazerem apelos às atividades espontâneas da criança, objetivando a construção das estruturas cognitivas, o aluno é diferenciado e valorizado como pessoa. Os aspectos são determinantes na construção da personalidade e eles revelam-se de forma clara no jogo.

Portanto, a escola mostra que o jogo, as situações problemas, os desafios e conflitos devem constituir-se em práticas cotidianas nas salas de aula. As atividades não são impostas através de exercícios estereotipados e repetitivos, são sugeridos, apropriados, como também discutidos com os alunos. Quanto às atividades, todas partem do concreto para o abstrato e o aluno tem permissão de escolher aquelas de seu interesse.

A cada dia o professor constrói a metodologia, baseando-se nas necessidades. A aprendizagem é repassada através de formas lúdicas, gostosas, por desafios e conflitos cognitivos. O ensino-aprendizagem é um processo natural, sem deixar de lado o preparo e o planejamento do professor, que varia de acordo com cada aluno ou grupo de alunos. Como diz Franco (1997), é um marco importante quando o professor passa a compreender que o que ele ensina jamais garante aquilo que o seu aluno aprende. E que este tem um processo próprio (que pode ser pessoal) de construção de aprendizagem tem que ser constantemente acompanhado e avaliado, de modo que, a partir de então, seja construída e reconstruída a tarefa de ensinar.

Ensinar é uma intervenção proposital nos processos intelectuais e afetivos do aprendente, fazendo, assim, a busca de sua relação ativa com os objetos de conhecimentos, em que o objetivo maior de ensino é o de construir conhecimento mediante o processo e aprendizagem do educando. Essa tarefa de

intervir intencionalmente, própria do ato docente diz respeito à articulação de determinados objetivos, conteúdos e métodos que levam em consideração as condições concretas em que ocorre o ensino e seus diferentes momentos, planejamento, realização e avaliação.

A atividade principal, no ensino, é a aprendizagem, onde o ponto chave é a construção do conhecimento. Assim, no ensino devem ser julgadas atividades as ações que delinearem com vistas à construção do conhecimento. Quanto à construção de conceitos no ensino de geografia, podem-se destacar algumas proposições metodológicas, começando pela criança na pré-escola, o brincar, a ludicidade, pois na fase escolar, no ensino fundamental, ocorre uma transição de atividades, o que mostra a importância do brincar no desenvolvimento dos processos psíquicos dos alunos. Todo tipo de simulação como jogos, dramatizações, são ações importantes a serem realizadas no ensino.

Uma atividade importante na aprendizagem de geografia é a da observação, pois esta é fundamental para produzir motivação, baseando-se na problematização do real observado e, como consequência, possibilitar a construção do conhecimento. A paisagem constitui um objeto inicial da observação e pode fornecer elementos importantes para que se tenha o que se configura como um conhecimento concreto.

No ensino da geografia compreende-se que integrada à ação da observação estão as de experimentar, investigar, inventar. Portanto, é necessário estar ligado aos limites da construção do conhecimento pelo aluno. Neste aspecto é pertinente salientar que:

Os conceitos e vivências espaciais (geográficas) são importantes, fazem parte de nossa vida a toda instante. Em outras palavras: Geografia não é só o que está no livro ou o que o professor fala. Você a faz diariamente. Ao vir para a escola a pé, de carro ou de

ônibus, por exemplo, você mapeou, na sua cabeça, o trajeto. Em outras palavras: o homem faz Geografia desde sempre. (KAERCHER 1998, p. 74).

Aliando-se ao pensamento do autor supracitado, é pertinente salientar ainda o que é prescrito pelos PCN's:

As percepções que os indivíduos, grupos ou sociedade têm do lugar em que se encontram e as relações singulares que com ele estabelecerem fazem parte do processo de construção das representações de imagens do mundo e do espaço geográfico. As percepções, as vivências e a memória dos indivíduos e dos grupos sociais são, portanto, elementos importantes na constituição do saber geográfico. (BRASIL 1998, p. 110).

As ações e gerações que se referem à descoberta e a elaboração direta e espontânea dos alunos estarão, neste ponto, formando um conjunto maior onde o objetivo é construir o conhecimento, através da internalização, reelaboração da cultura elaborada. Quer dizer, então, que é preciso considerar outras ações ou operações tão importantes como sistematizar as observações, tratar as informações adquiridas, analisar e sintetizar os conhecimentos já elaborados, memorizar os fatos, comunicar conhecimentos, entre outros. Essas atividades são todas adequadas e importantes para a construção dos conceitos em geografia.

Quando o ensino está preocupado com a construção de conceitos pelos alunos, a manutenção de uma relação com bastante diálogo entre professor, alunos e matéria de ensino, é um importante caminho metodológico. Considerar também a vivência dos alunos na construção de conceitos por eles, pois assim os conhecimentos prévios e também suas experiências poderão vir junto com outras ações que ajudarão na orientação do processo de conhecimento no ensino.

Na perspectiva construtivista, o conhecimento é produzido a partir da interação do sujeito com o objeto e o professor, um criador de problemas da ação do

conhecimento do seu aluno. O professor organiza as interações dos alunos com o meio e cria problemas das situações, fazendo com que o aluno, a partir do tema que está sendo abordado, construa o seu próprio conhecimento. Esta interação não será somente do aluno com o meio físico, pois chegará o momento em que o material concreto poderá ser dispensado. É fundamental que haja uma interação com os colegas, a construção do saber é feita de forma verdadeiramente através da coletividade.

Franco (1997) considera serem necessários certos cuidados para que, na intenção de ver muito rápido os resultados, o processo não sofra atropelos, pois são riscos que podem sempre acontecer. Será importante que o professor possa construir de forma nova com o aluno. No entanto, ele deve ter oportunidade de reflexão a respeito de sua prática pedagógica, e esta seja feita juntamente com um estudo teórico sobre seu papel social, de como é importante essa prática vir da vida real do próprio aluno, e a maneira como se dá essa aprendizagem.

Cavalcanti (2002) propõe que o professor ao trabalhar com a diversidade de temas abordados pela disciplina venha a construir o caminho propício para que ocorra o desenvolvimento dos temas, aplicando técnicas de reflexão sobre os objetivos do ensino, considerando que “[...] Ensino é o processo de conhecimento mediado pelo professor, no qual estão envolvidos, de forma interdependente, os objetivos, os conteúdos e as formas organizativas do ensino.” (op.cit.p.71).

A partir das condições salientadas, o autor faz uma proposta de se criar oportunidades para que o professor passe por um processo de reconstrução de sua atuação pedagógica. Tal processo partiria inicialmente de uma representação de sua prática, ao vê-la melhor, passando por um momento de diferenciar o que realmente faz e o que não faz, de modo a coordenar os diversos pontos da sua docência, com o todo do mesmo para, finalmente, compreender que o seu fazer sempre contém uma hipótese sobre o conhecimento. A partir

desta compreensão, o professor poderia analisar, de fato, sua prática e distinguir as técnicas das visões que estão por trás das mesmas.

Para Canibal (1993), o professor deve estimular o contato com a música, desenho, teatro, pintura, literatura, permitindo o domínio das mais diversas formas de expressão para que se amplie sua leitura, interpretação, significado e formas de representação do mundo. Dessa forma, a sala de aula assumirá uma postura de “salão de exposição” que mostra todas as maneiras de expressão, onde se podem mostrar opiniões daquilo que se vê, buscando sentido nas diversas formas de representação. Será necessário valorizar essas estratégias, seja ampliar, aumentar demais o conceito de leitura e escrita como ato de interpretação e expressão, desvalorizando o trabalho com material escrito.

Dar valor as mais variadas formas de expressão ajudam o ato de ler, busca da diversidade de portadores de texto fora da sala, mostra todo um referencial extra-escolar que privilegia a compreensão e o valor deste ato. E, assim, uma estratégia que consiste em evidenciar que o ato de ler não é separado da vida social da criança. Pelo contrário, o material escrito é um meio para um diálogo com o mundo.

Apesar do professor não ser o dono do saber, ele precisa também respeitar o tempo necessário que cada aluno deve dispor para aprender, como também, usar o conhecimento que ele já tem e aproveitar, partindo daí, para novos conhecimentos. Deve conhecer o grau de desenvolvimento da criança, seus limites para aplicar metodologias variadas e adequadas para cada criança. Como diz Uberlândia (2003):

A Geografia tem lugar privilegiado na construção, pelo aluno, do conhecimento do espaço historicamente produzido. O estudo da Geografia será fator fundamental na formação de um aluno cidadão, na medida em que permite a ele apropriar-se desse conhecimento e compreender criticamente sua realidade e suas possibilidades de agir na transformação

de um mundo com relações mais justas e solidárias. (op.cit.p. 5).

Para ensinar na perspectiva construtivista, o educador deve permitir-se ser plateia: ouvir seus alunos, discutir sobre suas hipóteses. Discutir na perspectiva de colocá-lo em dúvida construtivista. E não dizer: “não é assim que se faz, veja como é”. E sim, sugerir-lhe a defesa de suas hipóteses na responsabilidade de negá-las, quando falsas, ou de conservá-las, quando julgá-las verdadeiras. Ouvir significa compreender o que em determinado momento não está claro. Realizar a escuta ou a leitura com o aluno é tentar conhecê-lo, de certa forma, antecipar suas hipóteses em relação ao objeto em estudo. Dessa relação, emergirão novos conteúdos a serem trabalhados e/ou os mesmos guiarão uma nova forma de proceder com seus alunos.

Segundo Franco (1997), é um marco importante quando o professor passa a compreender que o que ele ensina jamais garante aquilo que o seu aluno aprende e que este tem um processo próprio (que pode ser pessoal de construção de aprendizagem) e tem que ser constantemente acompanhado e avaliado, de modo que, a partir daí, seja construída e reconstruída a tarefa de ensinar.

Os pontos apresentados em relação à proposta construtivista do ensino de geografia favorecem chegar à compreensão da complexidade que o tema reporta, gerando neste sentido perspectivas de se buscar maiores elementos que sedimente a perspectiva de novos estudos e pesquisas nesse campo, atenuando, por conseguintes futuras pesquisas e investigações que venham oferecer um maior suporte de compreensão acerca do ensino de geografia numa perspectiva construtivista.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Geografia tem papel importante na formação dos cidadãos, dando-lhes melhor compreensão das transformações do mundo e condição para pensar

criticamente as relações existentes na sociedade. Seu ensino auxilia o educando a questionar, criticar, posicionar-se e favorece uma melhor compreensão do complexo social.

O processo educativo, como processo dialético, garante ao mesmo tempo, a continuidade da história, por permitir a conservação e transmissão de conhecimentos, assim como cumpre papel relevante nas transformações evolutivas estruturais da sociedade. A implementação dessas modificações pelo educador passa pelo viés de sua autoconsciência, onde deve primar a certeza de ser portador de uma capacidade de reconstruir, de reinventar, de criar sua própria história. O professor assumirá seu papel munido de posicionamento crítico, onde o suporte teórico será dia a dia revisado conjuntamente com sua prática. Nesse ínterim, irá fazendo-se homem sujeito, tarefa inerente à sua condição humana.

Para o educador assumir uma postura construtivista, não pode limitar-se apenas a atividades como leitura e escrita, mas também considerar os princípios construtivistas nas suas atividades e no desenvolver das demais disciplinas. Nessa abordagem ele é um incentivador do processo de ensino-aprendizagem, incentivando, provocando situações-problemas, um desequilibrador, organizador de atividades, coordenado e criando situações favoráveis à aprendizagem, mas não o dono do saber.

É recomendável que o professor tenha alguns cuidados ao planejar suas atividades, por questões de eficiência aos propósitos de ações docentes de promover interação e cooperação, já que existe certa dificuldade em garantir na sala de aula o debate de ideias e de conhecimentos. No momento que for levantada uma questão deverá ser debatida com todos, os grupos deverão ser pequenos não pode esquecer-se de oportunizar a comunicação com toda sala e orientar para garantir o cumprimento das atividades.

O educador não pode perder de vista que tem papel importante, o de levar em consideração os

conhecimentos que os alunos já possuem, partindo daí o planejamento de situações de ensino aprendizagem significativas, construtivas. Para tanto, faz-se necessário o conhecimento dos avanços e dos problemas de seus alunos, como também a adequação de suas propostas, de modo a aperfeiçoar sua ação pedagógica.

O professor não pode deixar de dar assistência aos alunos, facilitar o processo de inter-relação tanto professor-aluno, como aluno-aluno e aluno-grupo inteirando-se a partir das experiências, informações e resultados de pesquisas entre membros da sala de aula. Estimular, problematizar procurando provocar a capacidade dos alunos de estarem sempre duvidando, propondo, criticando, partindo, então, para a elaboração de conceitos. Organizar as ações dos alunos, não só com o meio, mas com os colegas e criar problemas sobre situações, partindo daí, os próprios alunos construirão os conhecimentos sobre os temas estudados.

As ideias e os conhecimentos que os alunos possuem acerca dos diferentes assuntos devem ser considerados, o que facilita as problematizações, como as informações sobre mapas, clima, vegetação, distribuição da população; comparando com informações obtidas partindo então para formular hipóteses das relações existentes. É um ponto relevante os conceitos específicos que serão trabalhados, que o professor explore sempre as experiências que seus alunos já possuem ao entrar na sala.

A interface com outras disciplinas deve ser observada também, de modo a proporcionar estudos mais completos sobre determinado tema cuja compreensão, parte dos alunos, não só em geografia, mas também em história, artes e matemática pode aumentar através de suas abordagens e explicações.

Somente assumindo-se enquanto reinventor, o professor possibilitará às gerações seguintes, de maneira especial aos estudantes, a construção de uma sociedade com igualdade de oportunidades, portanto mais justa, onde se possa, além de “ler” a sociedade, reconstruí-la. Enfim, o ensino construtivo da geografia pressupõe a

reflexão e, neste contexto é pertinente que o aluno se coloque sempre como sujeito interativo na busca pela construção de um nível de conhecimento significativo acerca dos conteúdos trabalhado na disciplina. Na interatividade com o professor o aluno promove a construção de uma base prática de estudo, contribuindo, por conseguinte com a busca pela fundamentação dos mesmos.

O professor ao proporcionar condições para que o aluno possa interagir com o meio social do qual é parte constituidor viabiliza condições essenciais para que haja a produção de um material de estudo construído pelos próprios alunos, o que lhe favorece vir a se sentir parte constituidor do todo em que é parte figurante.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Geografia**. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF. 1998.

CANIBAL, Maria Júlia. Exposição itinerante de produções artísticas em sala de aula. In: GROSSI, Ester Pillar; BONDONI, Jussara (orgs.) **Construtivismo pós-piagetino: um novo paradigma sobre a aprendizagem**. Petrópolis: Vozes, 1993.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia, escola e construção de conhecimentos**. (Col. Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico). Campinas: Papirus, 1998.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia e práticas de ensino: Geografia escolar e procedimentos de ensino numa perspectiva sócio construtivista**. Goiânia, Alternativa, 2002.

FRANCO, Sérgio Robertto Kieling. **O Construtivismo e a educação**. 4. Ed. rev.ampliada. Porto Alegre: Mediação, 1995.

GROSSI, Esther Pillar; BONDONI, Jussara (orgs). **Paixão de Aprender**. 2 ed. Petrópolis: vozes, 1993.

KEARCHER, Nestor André. **A geografia é o nosso dia-a-dia**. Geografia em sala de aula prática e reflexões. Porto Alegre: Ed da UFRGS, 1998.

LACOSTE, Yves- **A geografia – isso serve em primeiro lugar para fazer a guerra** – Yves Lacoste: Tradução: Maria Cecilia França – 4º ed. Campinas, SP – Parirus, 1997.

MACHADO, Roberto Miguel de Oliveira. **O construtivismo no ensino da história e da geografia – o professor como mediador no processo de ensino/aprendizagem.** Relatório da Prática de Ensino Supervisionada Mestrado em Ensino da História e da Geografia 3.º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas. Universidade de Nova Lisboa, 2010.

MACEDO, Lino de. **Desafios construtivistas ao professor.** São Paulo: Ideias, 1993.

NOT, Louis. Ensinando a aprender. In: CAVALCANTE, Lana de Souza. **Geografia, escola e construção de conhecimentos.** (Col. Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico). Campinas: Papyrus, 1998.

PAIN, Sara. Aspectos filosóficos e sócio-antropológico do Construtivismo pós-piagetino-III. In: GROSSO, Esther Pillar, BORDINI, Jussara (org). **Construtivismo pós-piagetino: um novo paradigma sobre aprendizagem.** Petrópolis: Vozes 1993.

PENIN, Sônia T. de Sousa. **Cotidiano Escolar e ensino: conhecimento e vivência.** ANDE (Revista da Associação Nacional de Educação), São Paulo: Cortez, 1994.

PENTEADO, Heloisa Dupar. **Metodologia do ensino de história e geografia.** (Col. Magistério 2º grau. Série Formação do Professor). São Paulo: Cortez, 1994.

PIAGET, J – **A Formação do símbolo na criança: Imitação, jogo e sonho, imagem e representação,** Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1971.

RIBEIRO, Lurdes E.; PINTO, Gerusa R. **O Real do Construtivismo,** 8º ed. Belo Horizonte: Fapi Ltda, 1994.

UBERLÂNDIA, Prefeitura Municipal de. **Diretrizes Básicas do Ensino de Geografia: 1º a 8º séries.** Secretaria Municipal de Educação: Uberlândia, 2003.

VALADARES, Jorge. **Avaliando para melhorar a aprendizagem.** 1.ª Edição, Plátano. Edições Técnicas, Lisboa, 1998.

VESENTINI, José William (org). **Geografia e ensino: textos críticos.** Tradução Josette Gian. 4º ed. Campinas: Papyrus, 1995.

\_\_\_\_\_. **Para uma geografia crítica na escola.** São Paulo: Editora do Autor, 2008.